



III PARTE
Política Microeconómica
e Desenvolvimento Empresarial



CONTEÚDO

A globalização e a emergência
de um novo paradigma competitivo

Competitividade custo e não-custo; factores estáticos e dinâmicos;
factores básicos e avançados; dimensões materiais e imateriais.

Os fundamentos microeconómicos, mesoeconómicos
e macroeconómicos da competitividade.

As medidas e indicadores de competitividade.
taxa de câmbio real como indicador macroeconómico de
competitividade numa economia mundial globalizada.



Aula 1
A COMPETITIVIDADE

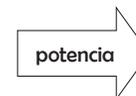
A competitividade das empresas e das economias



A GLOBALIZAÇÃO E A EMERGÊNCIA DE
UM “NOVO PARADIGMA COMPETITIVO”



- . Mercados
- . Tecnologias
- . Actividades Económicas
- . Informação
- . Lazer e Cultura
- . Ciência e Investigação
- . Comércio e Investimento



“Nova Paradigma
Competitivo”



resposta rápida e flexível a procura segmentadas



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

A EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA (Económico, Social, Técnico, Organizacional)

Alteração da natureza (e da concepção) do crescimento económico,
do desenvolvimento tecnológico e dos processos de inovação



Modernização tecnológica centrada nos equipamentos,
Concepção linear da inovação, "Ciclos de vida" longos

"Crescimento exógeno" $Y = f(K, \text{Trabalho})$



Desenvolvimento tecnológico centrado no conhecimento,
Concepção integrada e interactiva da inovação na cadeia de valor,
"Ciclos de vida" (tecnologias, produtos, qualificações,...) curtos

"Crescimento endógeno" $Y = f(K, \text{Competências})$



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

EVOLUÇÃO DAS NOÇÕES DE COMPETITIVIDADE (I)

Experiência Norte-Americana

Anos 80, Administração Reagan:

"O grau em que ela consegue, em condições de mercado livres e justas, produzir bens e serviços capazes de superar o teste dos mercados internacionais e permitir, ao mesmo tempo, aumentar o rendimento real dos cidadãos. A competitividade, ao nível nacional, baseia-se numa performance superior da produtividade".

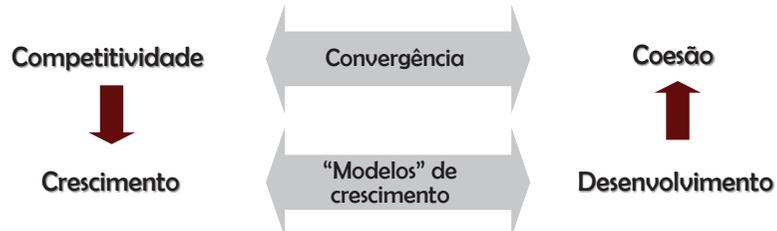
Anos 90, Administração Clinton:

"A nossa capacidade para produzir bens e serviços que passem o teste da concorrência internacional enquanto os nossos cidadãos possam desfrutar de níveis de vida que sejam, simultaneamente, crescentes e sustentáveis".



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

CRESCIMENTO, COESÃO E COMPETITIVIDADE



- A competitividade é uma poderosa alavanca do crescimento económico ... mas não corresponde necessariamente a um processo de desenvolvimento.
- O desenvolvimento gera coesão económica e social.
- A sustentabilidade da melhoria dos níveis de vida exige que competitividade, coesão, crescimento e desenvolvimento, sejam tidos como complementares.
- A evolução dos modelos de crescimento acompanha a complexificação do quadro de factores de competitividade (incorporação crescente de elementos "qualitativos").



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

EVOLUÇÃO DAS NOÇÕES DE COMPETITIVIDADE (II)

Experiência Europeia e Mundo Industrializado

OCDE, 1995:

"A capacidade que as empresas, as indústrias, as regiões, as nações e as regiões supranacionais têm de gerar, de forma sustentada, quando expostas à concorrência internacional, níveis de rendimento dos factores e níveis de emprego relativamente elevados"

Comissão Europeia, 2002:

"A competitividade - a capacidade de uma economia em prover, numa base sustentável, a sua população com elevados e crescentes níveis de vida e com elevadas taxas de emprego - está no coração dos objectivos ambiciosos estabelecidos para a União Europeia pela reunião do Conselho Europeu em Lisboa na Primavera de 2000".



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

COMPETITIVIDADE

A competitividade tem de ser avaliada como **processo** e não como **estado**.

Os indicadores que permitem a sua avaliação são complexos e envolvem múltiplos elementos e factores determinantes, articulando **aspectos quantitativos** – eficácia e eficiência na transformação de condições em resultados – e **aspectos qualitativos** – a diferenciação das trajectórias ou caminhos de construção e consolidação do “saber fazer” nos processos concorrenciais que envolvem a concepção, produção e distribuição de bens e serviços.

A competitividade na era da globalização tem de ser entendida como um “resultado” no quadro do funcionamento dos diversos factores de concorrência onde se articulam elementos de **competitividade de curto prazo** (vantagens momentâneas) e de **médio e longo prazo** (vantagens duradouras).



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

DIMENSÕES, FACTORES E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE (I)

Os **factores dinâmicos** afirmam-se sobre os factores estáticos da competitividade, no quadro mais vasto da valorização da construção das vantagens competitivas duradouras, de médio e longo prazo, sobre as simples vantagens comparativas reveladas, no curto prazo, no comércio internacional.

Os **factores avançados** afirmam-se sobre os factores básicos da competitividade, no quadro mais vasto da progressiva afirmação dos **aspectos** mais **qualitativos** associados à criação de valor e à satisfação de dinâmicas de procura progressivamente diferenciadas e crescentemente exigentes no tempo de resposta, sobre os aspectos mais quantitativos associados à produção física e à mera mobilidade de bens e serviços.



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

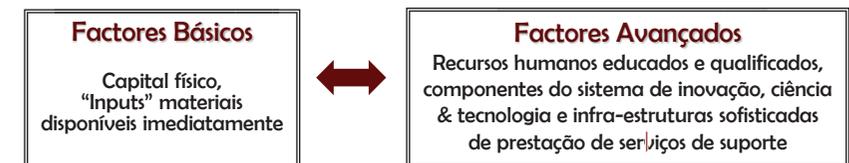
DIMENSÕES, FACTORES E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

DIMENSÕES, FACTORES E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE (II)

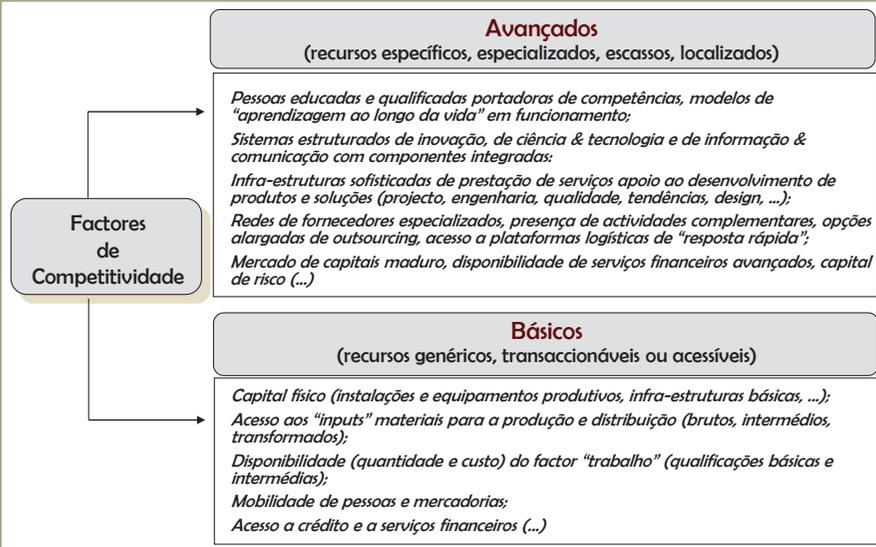
A posição de um país, de uma região ou de uma empresa, no acesso aos factores básicos de produção, em quantidade e qualidade, é importante na sustentação de vantagens competitivas ...



... mas são os factores avançados que, ao converterem-se em recursos específicos, especializados e escassos, são determinantes na criação sustentada de riqueza, isto é, o “factor humano” quando convertido em organização e em competências, é decisivo na inovação.



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

DIMENSÕES, FACTORES E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE (IV)

As **dimensões imateriais** da competitividade, mais associadas ao conhecimento, à propriedade intelectual, à informação e à inovação, indispensáveis à diferenciação e à criação de valor (componentes intangíveis dos investimentos), afirmam-se sobre as dimensões materiais da competitividade, mais associadas ao "capital produtivo", aos equipamentos e à capacidade de transformar recursos em volumes de produção (componentes tangíveis dos investimentos).

Os **factores domésticos ou internos** afirmam-se sobre os factores estritamente externos da competitividade, no quadro mais vasto da compatibilização da eficiência individual e colectiva, isto é, da compatibilização da competitividade das empresas com a competitividade dos territórios (blocos regionais supranacionais, nações ou regiões) através da rejeição das formas de competitividade "espúria", isto é, de reduções de preços e custos, desligadas do processo de capacitação da estruturas internas (pessoas, organizações, instituições) de uma economia .

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

DIMENSÕES, FACTORES E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE (III)

As visões mais modernas de base horizontal e microeconómica, centradas nas **determinantes não custo** da competitividade, mais associadas aos ganhos de eficiência, afirmam-se sobre as visões mais tradicionais de base vertical e sectorial, centradas nas determinantes custo da competitividade, mais associadas à combinação "virtuosa" de ganhos de eficiência nas operações internas e/ou de preço nos aprovisionamentos, e de eficácia, traduzidos, nomeadamente, em ganhos de quota de mercado e de margens operacionais.

Os **fundamentos microeconómicos** afirmam-se sobre as condições macroeconómicas da competitividade, no quadro de uma relação onde as segundas surgem como condição necessária, mas não suficiente, enquanto os primeiros se vão relevando crescentemente decisivos para atingir níveis elevados e sustentados de produtividade, isto é, para concretizar em resultados o potencial aberto por um ambiente favorável à iniciativa empresarial do ponto de vista económico, social, institucional e regulamentar.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)

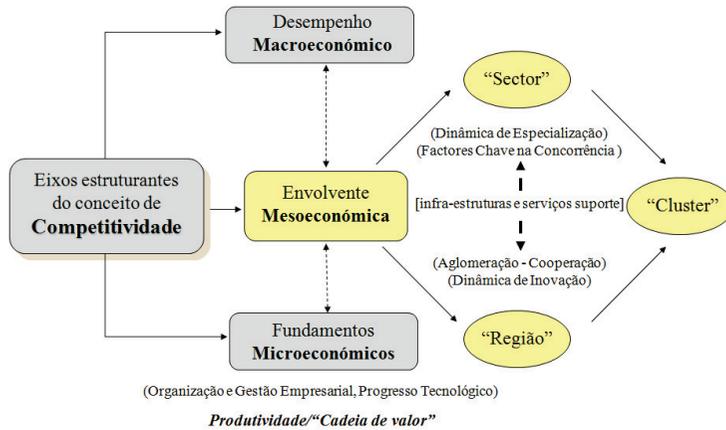


Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

OS GRANDES NÍVEIS DA COMPETITIVIDADE

Nível de Vida/“Coesão”/“Sustentabilidade”

(Políticas Públicas, Regulação, Regime de Crescimento, Inserção Internacional)



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

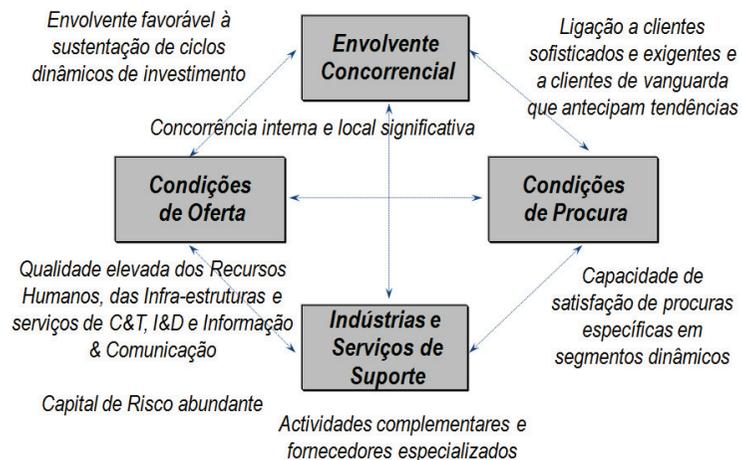
ELEMENTOS DE AVALIAÇÃO DA COMPETITIVIDADE

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

NOÇÃO DE CLUSTER E COMPETITIVIDADE

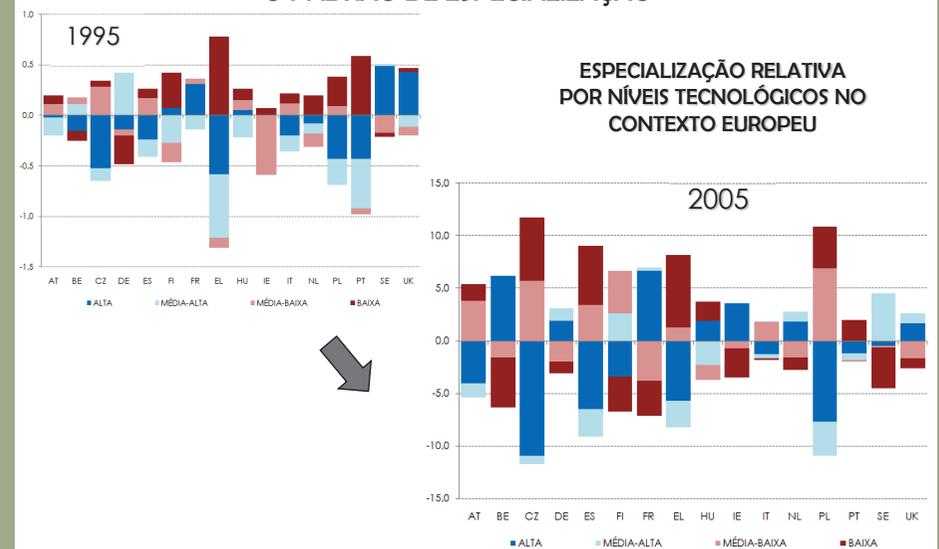


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO

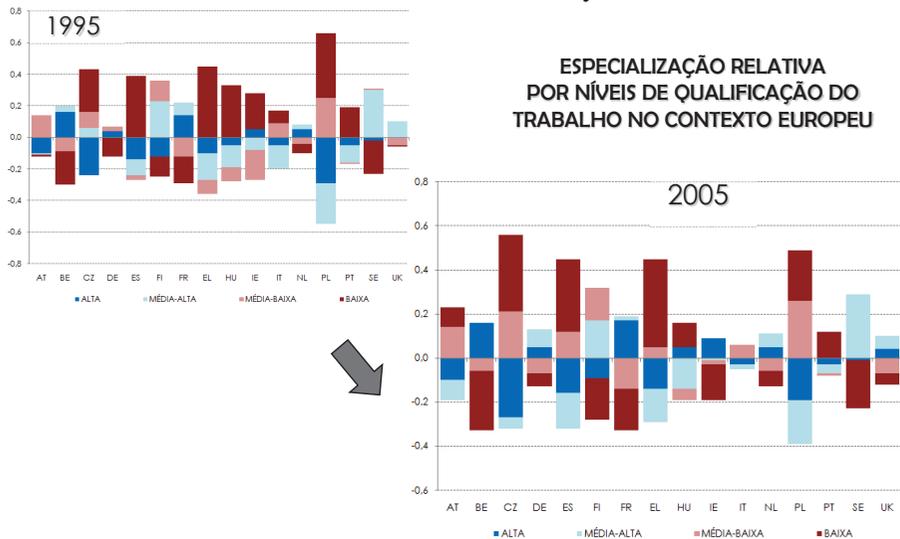


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO

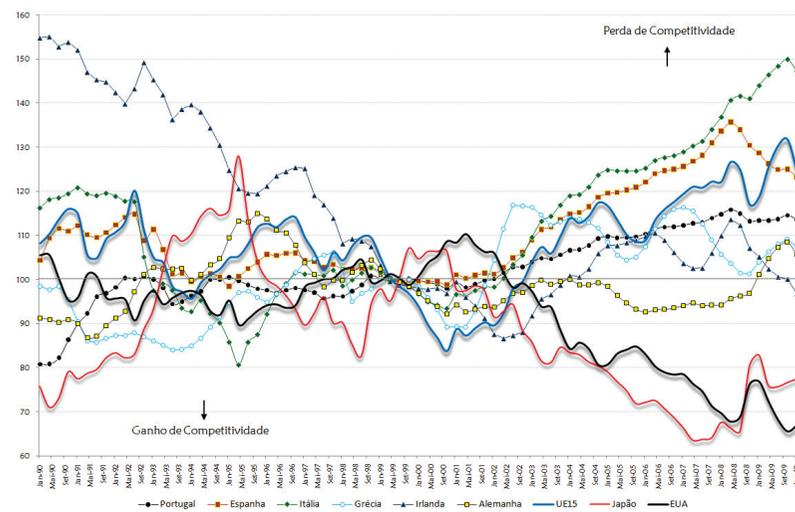


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

TAXA DE CÂMBIO REAL (CTUP – INDÚSTRIA, 1999=100)

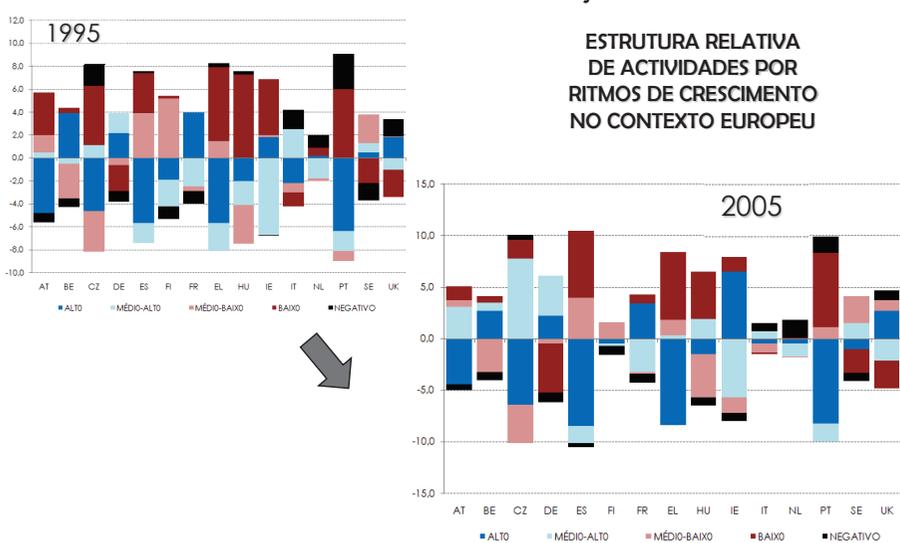


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO

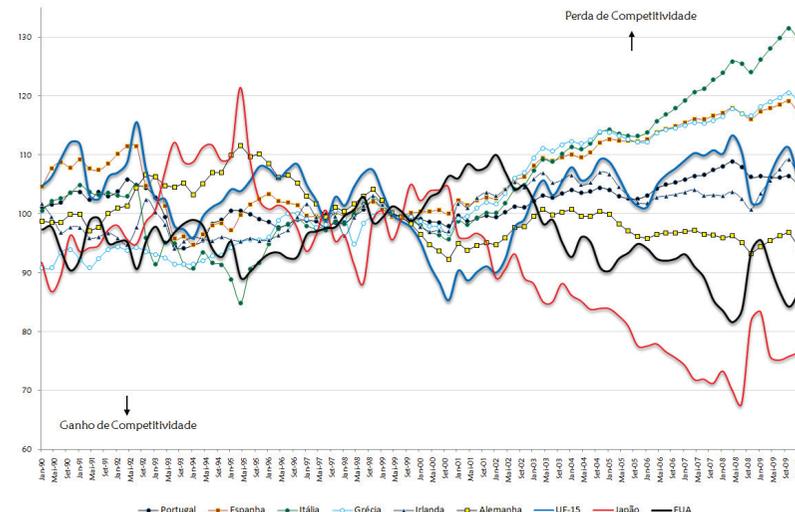


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

TAXA DE CÂMBIO REAL (DEFLATOR DAS EXPORTAÇÕES, 1999=100)



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

QUESTÕES

Por que terá a competitividade um papel tão relevante na vida das empresas e nas estratégias dos territórios (cidades, regiões, nações e blocos regionais supranacionais)?

A competitividade deve ser medida num horizonte de curto ou de médio e longo prazo?

Quais são os factores chave da competitividade?

Quais são as principais dimensões da competitividade?



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

CONTEÚDO

Factos e Factores
do Crescimento e do Desenvolvimento Económico

A articulação entre Competitividade e Inovação

As Políticas de Apoio
ao Desenvolvimento Empresarial



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

Aula 2 O CONTRIBUTO DAS POLÍTICAS ECONÓMICAS PARA A COMPETITIVIDADE

Competitividade, Inovação e Crescimento



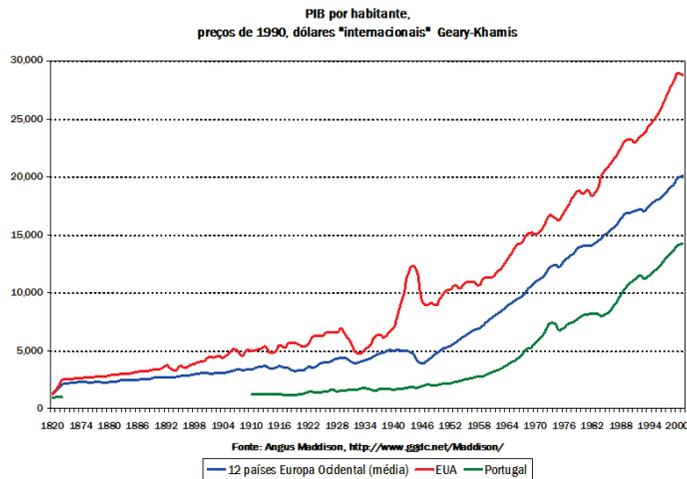
Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FACTOS E FACTORES DO CRESCIMENTO ECONÓMICO



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FACTOS DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO LONGO PRAZO



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FACTOS ESTILIZADOS DO CRESCIMENTO (Actualidade)

- Tendência rápida de envelhecimento da população, (as sociedades de maior crescimento da população não são as de maior ritmo de crescimento económico mas as de menor nível de vida e de menor nível de instrução feminina);
- As sociedades mais desenvolvidas tornaram-se, em geral, sociedades de serviços, (sector maioritário, quer em população activa, quer em peso no PIB);
- Acentuou-se a redução do tempo de trabalho per capita;
- Acentuou-se o aumento da participação das mulheres na vida activa;
- As duas últimas décadas marcam uma redução no ritmo de crescimento mundial;
- Intensificou-se o processo de globalização, em especial financeira (os movimentos internacionais de capitais lideram e crescem mais rapidamente que os movimentos de bens e serviços que, pelos seu lado, são muito mais dinâmicos que a produção);
- Forte preocupação com a sustentabilidade ambiental do crescimento;
- Persistem ritmos de crescimento muito variados nas diversas economias (não há necessariamente convergência, nem ela é "automática").

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FACTOS ESTILIZADOS DO CRESCIMENTO (Kuznets, 1966)

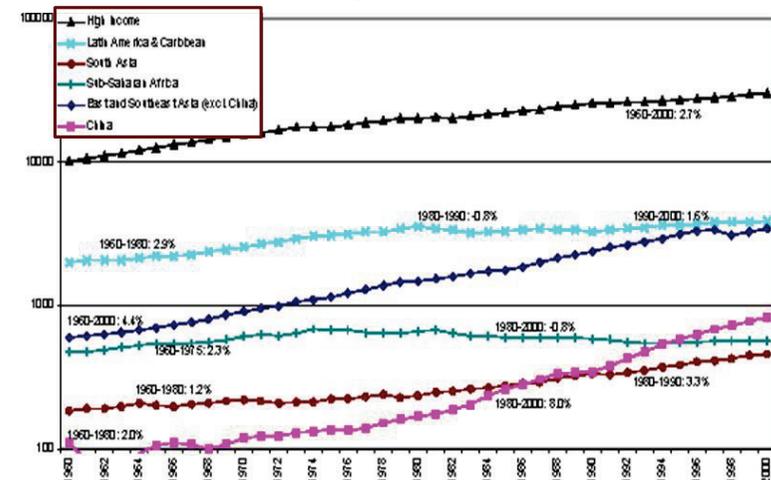
- O crescimento do PIB per capita foi acompanhado por um crescimento sem precedentes da população mundial (a população mundial passou de cerca de 900 milhões em 1800 para mais de 6 000 milhões em 2000);
- O crescimento económico resultou mais do progresso tecnológico que do aumento quantitativo dos factores produtivos (trabalho e capital);
- Houve uma redução do tempo de trabalho per capita;
- Aumentou o peso das mulheres na população activa;
- Diminuiu o peso da agricultura no PIB e aumentou o peso da produção de bens industriais duradouros bem como o peso de certos serviços em contrapartida da queda de outros (como os serviços domésticos);
- Diminuiu fortemente o peso do emprego na agricultura, aumentando o seu peso na indústria e principalmente nos serviços;
- Aumentou muito o comércio internacional;
- Aumentou a mobilidade da força de trabalho quer entre sectores quer entre profissões.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FACTOS DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO LONGO PRAZO (PIB per capita por grupos de países, USD de 1995)

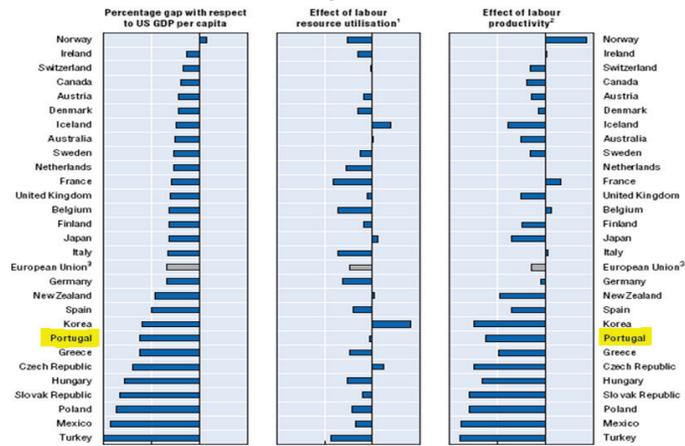


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FONTES DE DIFERENCIAÇÃO DO RENDIMENTO (2002)

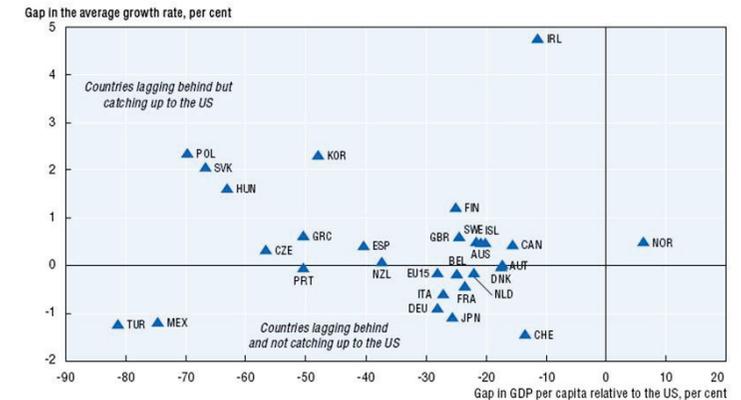


Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2010)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

FACTOS DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO LONGO PRAZO (PIB per capita – níveis e taxas de crescimento – GAP face aos EUA)



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2010)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Posição	País	Valor	Posição	País	Valor
1	Noruega	0,971	19	Liechtenstein	0,951
2	Austrália	0,970	20	Nova Zelândia	0,95
3	Islândia	0,969	21	Reino Unido	0,947
4	Canadá	0,966	22	Alemanha	0,947
5	Irlanda	0,965	23	Singapura	0,944
6	Holanda	0,964	24	Hong Kong	0,944
7	Suécia	0,963	25	Grécia	0,942
8	França	0,961	26	Coreia do Sul	0,937
9	Suíça	0,960	27	Israel	0,935
10	Japão	0,960	28	Andorra	0,934
11	Luxemburgo	0,960	29	Eslovénia	0,929
12	Finlândia	0,959	30	Brunel	0,920
13	E.U.A.	0,956	31	Kuwait	0,916
14	Áustria	0,955	32	Chipre	0,914
15	Espanha	0,955	33	Qatar	0,910
16	Dinamarca	0,955	34	Portugal	0,909
17	Bélgica	0,953	35	E.A.U.	0,903

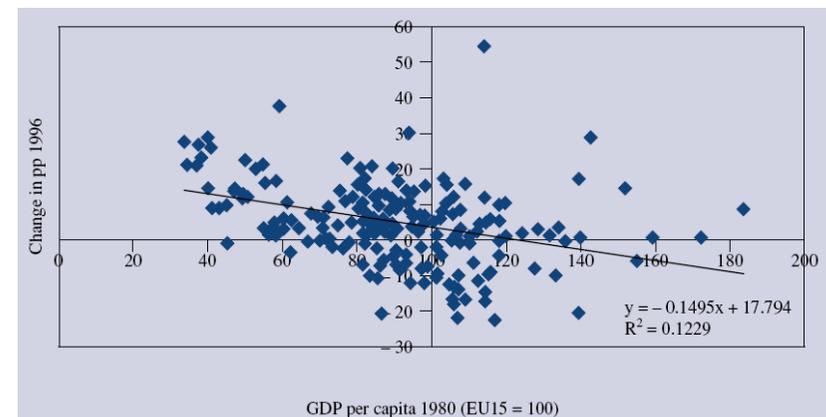
Na componente educação, Portugal está na 43ª posição

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2010)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

A CONVERGÊNCIA β NAS REGIÕES EUROPEIAS (1980-1996)



Fonte: Comissão Europeia (2000), "The EU Economy: 2000 Review", European Economy, nº 71.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2010)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

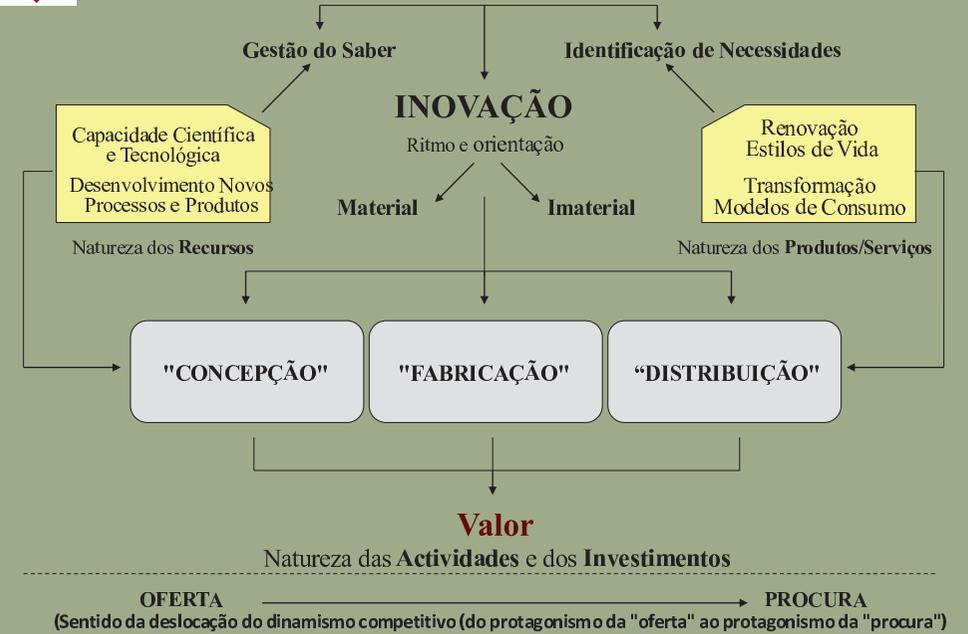
A ARTICULAÇÃO ENTRE A COMPETITIVIDADE E A INOVAÇÃO

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e
Actividade Empresarial
2010 - 2011

Análise da COMPETITIVIDADE e da INOVAÇÃO (esquema integrador das diferentes dimensões de análise)



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

INOVAÇÃO

A inovação é definida como a introdução no mercado de novos ou melhorados produtos e serviços ou a adopção de novos ou melhorados processos produtivos, organizacionais, logísticos ou comerciais. As inovações "radicais" e "incrementais" distinguem-se pela respectiva dimensão transformadora da realidade existente.

A forma mais útil de entender a inovação é a de a considerar como a articulação entre os processos de produção e a difusão do conhecimento e os processos que conduzem à introdução no mercado (distribuição e comercialização) de novos produtos e serviços e/ou à introdução na empresa (adopção) de novos processos produtivos e organizacionais.

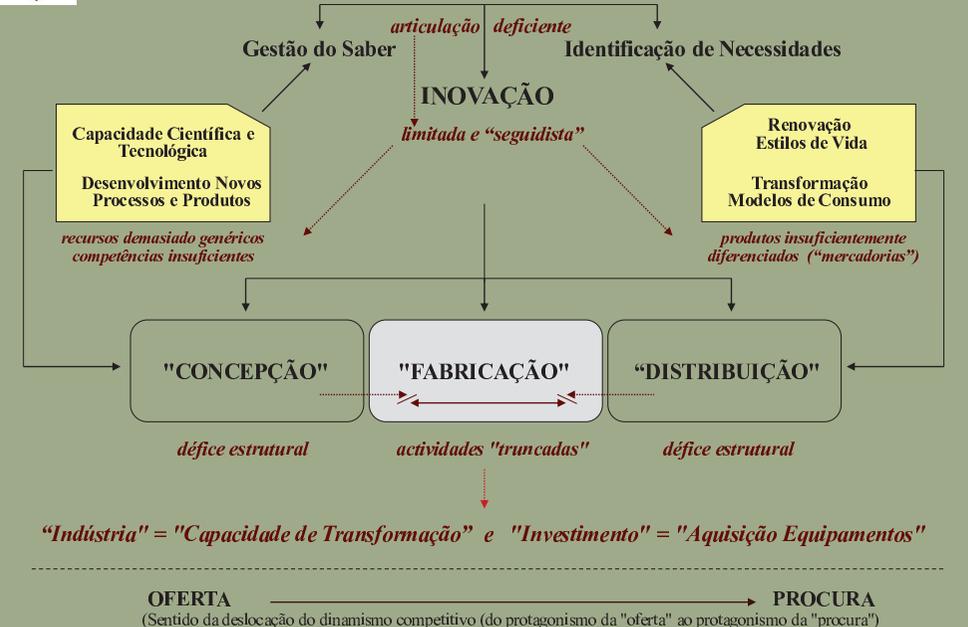
O processo de inovação deve ser visto como uma rede complexa de actividades e parcerias. Certas actividades são **internas** à empresa e dependem de uma estreita comunicação e colaboração entre departamentos dentro da empresa. Outras são **externas**, e correspondem a ligações que a empresa estabelece com outras entidades para ter acesso a conhecimentos, que complementam ou suplementam os seus, e que lhe fazem falta para levar a cabo o processo de inovação.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)

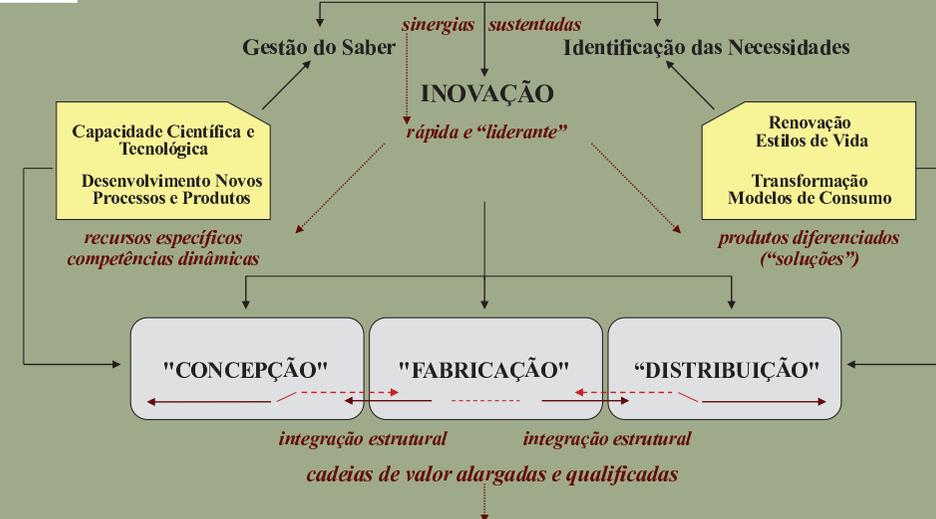


Política Económica e
Actividade Empresarial
2010 - 2011

COMPETITIVIDADE centrada no custo e INOVAÇÃO limitada



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



"Indústria" = "Mobilização do Conhecimento" e "Investimento" = "Organização de Recursos, Competências e Informação"

OFERTA → PROCURA
(Sentido da deslocação do dinamismo competitivo (do protagonismo da "oferta" ao protagonismo da "procura"))

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



INOVAÇÃO, FLEXIBILIDADE E COMPETITIVIDADE



Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL (1a)

As políticas públicas de apoio ao desenvolvimento empresarial são suportadas, no plano teórico, por dois tipos de visões:

1. Uma com visões centradas numa **referência aos resultados da afectação óptima de recursos**, mais ancorada no protagonismo da "microeconomia" e onde as políticas públicas surgem para:
 - corrigir falhas de mercado ou falhas públicas visando
2. Outra por visões centradas numa referência a processos dinâmicos de evolução, mais **ancorada no protagonismo da "mesoeconomia" ("indústria", "sector", "cluster") e da "macroeconomia"**, onde as políticas públicas surgem para:
 - ultrapassar estrangulamentos estruturais (internos e externos)
 - ou para orientar e qualificar, nomeadamente em termos de especialização internacional, os resultados dos processos concorrenciais em termos de crescimento económico.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL (1b)

- ❑ O primeiro grupo de visões, referenciado, no plano teórico, à abordagem neoclássica, mais homogénea e convencional, conduz a uma atitude perante a política pública de natureza mais **liberal**.
- ❑ O segundo grupo de visões, referenciado, no plano teórico a abordagens mais heterogéneas e heterodoxas, conduz a uma atitude perante a política pública de natureza mais **voluntarista**.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL (3)

A intervenção pública, no referencial da chamada “política industrial”, olhada a partir da visão convencional atrás referida, surge quase completamente polarizada pela lógica da correcção das “falhas de mercado”, isto é, da superação das imperfeições que determinam formas de afectação de recursos pelos mercados afastadas das situações de equilíbrio optimizado.

A referência à lógica da correcção das falhas de mercado conduz naturalmente, no plano interno, a uma preferência por apoios ao desenvolvimento empresarial de natureza horizontal, isto é, não dirigido a um sector, actividade ou região em particular, o que contrasta com a prossecução de objectivos de coesão económica e social nacional, em grande parte induzidos pelos processos de inserção internacional, que tendem a conferir uma preferência aos apoios de natureza vertical, seja em termos mais defensivos (defesa do emprego em sectores ou regiões afectados por reestruturações, por exemplo) ou mais ofensivos (protecção de “indústrias nascentes”, promoção de “indústrias estratégicas”, por exemplo).

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL (2)

Os contributos mais relevantes, neste segundo caso, podem ser associados à teoria do “crescimento endógeno” (a acumulação de conhecimento pelo investimento em I&D, a acumulação de competências pela formação do “capital humano”, a consolidação de infra-estruturas colectivas ou a cooperação empresarial, constituem outros tantos mecanismos de contestação da hipótese neoclássica dos “rendimentos decrescentes” e do “crescimento exógeno”), aos estudos sobre localização e aglomeração no quadro da “nova geografia económica”, às análises que, em termos de “especialização internacional”, foram ultrapassando a lógica das “vantagens comparativas” estáticas (associadas a dotações iniciais de factores) para chegar a lógicas da “vantagens competitivas” dinâmicas, articulando condições de oferta e de procura e à escola “evolucionista”, com inspiração nos processos de transformação económica por “destruição criadora” concebidos por Schumpeter, que veio revalorizar os aspectos institucionais e tecnológicos do crescimento económico, comportando, aliás, articulações evidentes com a extensa panóplia de estudos centrados sobre os “sistemas de inovação” à escala nacional.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL (4)

As políticas de apoio ao desenvolvimento empresarial sofreram ao longo das duas últimas décadas uma profunda transformação que, por um lado, acompanhou o movimento geral de liberalização, privatização e desregulamentação que, em todo o mundo e, por outro lado, produziu uma valorização das políticas de concorrência sobre as políticas comerciais e de especialização produtiva.

As políticas de apoio ao desenvolvimento empresarial tornaram-se, neste contexto, razoavelmente ecléticas, consagrando, Estado a Estado, diferentes combinações das abordagens mais liberais, que tendem a conferir à política de concorrência o “lugar central” nas políticas de oferta, com as abordagens mais voluntaristas, que tendem, seja de forma mais sistemática, através de políticas estruturais horizontais, ou mais dispersa, através de intervenções segmentadas em áreas específicas (I&D, Inovação, Capital Humano, Infraestruturas, Cooperação, Empreendedorismo, Capital de Risco, nomeadamente), a equilibrar o papel das políticas de concorrência com o de outras políticas económicas de natureza mais qualitativa ou mais quantitativa.

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2011)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

AS POLÍTICAS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL (5)

A concorrência acrescida nos mercados globais veio confrontar as políticas públicas de apoio ao desenvolvimento empresarial, com a necessidade de valorização de novas formas de eficiência colectiva.

A “descoberta” dos “clusters” e das “regiões” corresponde ao reconhecimento da crescente importância estratégica das “economias de aglomeração”, tal como a “descoberta” da “competitividade” corresponde ao reconhecimento da natureza sistémica da disputa concorrencial de investimentos e quotas de mercado.

O processo de renovação das “políticas industriais” encontrou nestes dois terrenos (relevância da qualidade do território, relevância da sustentabilidade competitiva), elementos catalisadores decisivos que se baseiam numa procura de formas de eficiência que comportam sinergias evidentes na respectiva articulação com as políticas de concorrência (a clareza, durabilidade e validade das regras do jogo jurídicas, institucionais e fiscais, bem como a disponibilidade e eficiência das actividades de suporte, são hoje, por exemplo, decisivas em matéria de localização empresarial).

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2010)



Política Económica e Actividade Empresarial 2010 - 2011

QUESTÕES

Quais são os grandes factores do crescimento económico?

Que importância tem a articulação entre a competitividade e a inovação para a promoção do crescimento económico?

O que diferencia as políticas microeconómicas de inspiração liberal das políticas mais voluntaristas?

O que justifica o reforço recente do papel das políticas de concorrência no conjunto das políticas de promoção da competitividade?

Que instrumentos têm actualmente os governos ao seu dispor para promover a competitividade?

Curso de Política Económica e Actividade Empresarial © Augusto Mateus (2010)